

X ACTAS DO
Congresso
Internacional
**A CERÂMICA MEDIEVAL
NO MEDITERRÂNEO**
SILVES 22 a 27.outubro'12



Coordenação editorial de:

Maria José Gonçalves
Susana Gómez-Martínez

Edição de:

Silves
câmara municipal



**X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO SILVES - MÉRTOLA, AUDITÓRIO DA FISSUL,
22 A 27 DE OUTUBRO DE 2012**
*10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES & MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER
2012*

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES, CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
EM COLABORAÇÃO COM: AIECM2 E CEAUCP
APOIOS: FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

COMITÉ INTERNACIONAL DO AIECM2
PRESIDENTE: SAURO GELICHI
VICE-PRESIDENTE: SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
SECRETÁRIO: JACQUES THIRIOT
TESOUREIRO: HENRI AMOURIC
SECRETÁRIO ADJUNTO: ALESSANDRA MOLINARI

MEMBROS DOS COMITÉS NACIONAIS
FRANÇA: HENRI AMOURIC, JACQUES THIRIOT, LUCY VALLAURI
ITÁLIA: SAURO GELICHI, ALESSANDRA MOLINARI, CARLO VARALDO
MAGHREB: RAHMA EL HRAIKI
MUNDO BIZANTINO: VÉRONIQUE FRANÇOIS, PLANTON PETRIDIS
PORTUGAL: MARIA ALEXANDRA LINO GASPAR, SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
ESPAÑA: ALBERTO GARCIA PORRAS, MANUEL RETUERCE, JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN
PRÓXIMO ORIENTE: ROLAND-PIERRE GAYRAUD

**ACTAS DO X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO. SILVES - MÉRTOLA, 22 A 27 DE
OUTUBRO DE 2012**
*PROCEEDINGS OF 10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES &
MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER 2012*
SILVES, OUTUBRO DE 2015

EDIÇÃO /// PUBLISHER: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES & CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
COORDENAÇÃO EDITORIAL /// EDITOR: MARIA JOSÉ GONÇALVES E SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
DESIGN GRÁFICO /// GRAPHIC DESIGN: RUI MACHADO
IMPRESSÃO /// PRINTING: GRÁFICA COMERCIAL DE LOULÉ

ISBN 978-972-9375-48-4
DEPÓSITO LEGAL /// LEGAL DEPOT ??????
TIRAGEM /// PRINT RUN: 500

Não é bem como um texto escrito em belos caracteres góticos ou cúficos, contando a história de um milagre, registando um contrato encomendado pelo príncipe, ou denunciando a ameaça do reino vizinho. Não é como qualquer frase gravada na pedra ou pergaminho, que além de denunciar a sua origem de classe, porque necessariamente produzida no seio de uma elite, esconde sempre nas suas entrelinhas uma carga ideológica, quantas vezes indecifrável ou falaciosa. Ao contrário, os fragmentos de cerâmica arqueológica recolhidos numa camada estratigraficamente reconhecível, embora não pareça, são mais fiáveis, autorizando uma mais segura e escorreita informação histórica. Por vezes, quase sempre, são minúsculos ou mesmo insignificantes os fragmentos. Por vezes, quase sempre, nem sequer a forma é reconhecível e muito menos reconstituível. E no entanto a sua informação histórica é sempre preciosa. O simples perfil reclinado do lábio, a forma grácil de arquear a asa, aquela pincelada rápida de traço avermelhado ou a pequena mancha de esmalte melado são os indícios suficientes para reconstituir com verosimilhança a forma e a idade do jarro ou cântaro de água, e, com ele, alguns gestos de trabalho da camponesa que o usou e até, sem errar muito, o seu local de fabrico. Estes simples e informes fragmentos cerâmicos permitem aproximar-nos e mesmo compreender a história daqueles a quem nunca foi dado o direito de ter história, daqueles que nunca comandaram exércitos, que nunca decidiram da paz e da guerra, daqueles que nunca habitaram palácios ou castelos. À primeira vista a gramática ornamental destas bilhas e tigelas sistematiza línguas estranhas e aparentemente indecifráveis. E no entanto, os seus códigos, sem serem isotéricos, referem-se indirectamente a espaços culturais, a zonas de influência que ao longo dos séculos marcaram o Mediterrâneo, na sua fantástica diversidade. As referências mais antigas, ainda relacionadas com os entrançados romboidais da cestaria e da tecelagem, denunciam origens neolíticas e sobretudo permanências das sociedades nómadas dos tuaregues, rifenhos e pastores ibéricos. Na linguagem vegetalista com referências orientalizantes e sobretudo no que se refere à enorme e variada simbologia da Flor de Lotus de época califal, destaca-se, como é natural, a memória dos jardins e vergéis do Nilo, da Mesopotâmia e mesmo da Índia e da China. Nos encadeados de volutas de gavinhas com folhas de videira, sentimos ainda perene a longínqua referência das festas dionisíacas e báquicas da cultura greco-romana a que a Pérsia islamizada esbateu ou anulou o cacho de uva, transformando-o em inofensiva pinha. Esta linguagem cifrada, estas referências decorativas, são sinais de civilização, são marcas indelévels que identificam formas de pensar, zonas de fabrico, caminhos de intercâmbio, que permitem folhear com segurança as páginas da história.

O Presidente do Campo Arqueológico de Mértola
Cláudio Torres

INDICE

TEMA: 1 **AS CERÂMICAS NO SEU CONTEXTO** **POTTERY WITHIN ITS CONTEXT**

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO | MARCO LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JACINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO | SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO | ISABEL CRISTINA FERNANDES

1. A CIDADE E O SEU TERRITÓRIO NO GHARB AL-ANDALUS ATRAVÉS DA CERÂMICA 19
ROLAND-PIERRE GAYRAUD | JEAN-CHRISTOPHE TREGLIA
2. LA CÉRAMIQUE D'UNE MAISON OMEYYADE DE FUSTÂT - ISTABL 'ANTAR (LE CAIRE, ÉGYPTE). VAISSELLES DE TABLE, CÉRAMIQUES COMMUNES ET CULINAIRE, JARRES DE STOCKAGE ET AMPHORES DE LA PIÈCE P5 (PREMIÈRE MOITIÉ DU VIII^e S.) 51
VÍCTOR CAÑAVATE CASTEJÓN | SONIA GUTIÉRREZ LLORET
3. CERÁMICA, ESPACIO DOMÉSTICO Y VIDA SOCIAL: EL TEMPRANO AL-ANDALUS EN EL SUDESTE PENINSULAR A LA LUZ DE EL TOLMO DE MINATEDA (HELLÍN, ALBACETE) 56
JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | JOSÉ LUIS HERNANDO GARRIDO | HORTENSIA LARRÉN IZQUIERDO | FERNANDO MIGUEL HERNÁNDEZ | JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN | CARMEN BENÉITEZ GONZÁLEZ
4. NOTAS SOBRE LA CERÁMICA EN LA ICONOGRAFÍA CRISTIANA DEL NORTE PENINSULAR (SS. X-XII) 68
VANESSA FILIPE
5. ISLAMIC POTTERY FROM THE ÉVORA MUNICIPAL MUSEUM 84
MARCELLA GIORGIO
6. CERAMICS AND SOCIETY IN PISA IN MIDDLE AGES 93
MÁRIO VARELA GOMES | ROSA VARELA GOMES
7. A CERÂMICA E O SAGRADO, NO RIBÂT DA ARRIFANA (ALJEZUR, PORTUGAL) (SÉC. XII) 106
FRANCESCO M. P. CARRERA | BEATRICE FATIGHENTI | CATERINA TOSCANI
8. LE CERAMICHE E LE ATTIVITÀ PRODUTTIVE. RECENTI ACQUISIZIONI DA UN QUARTIERE ARTIGIANALE DI CHINZICA (PI) 114
VESNA BIKIĆ
9. CONTEXT, CHARACTER AND TYPOLOGY OF POTTERY FROM THE ELEVENTH AND TWELFTH CENTURY DANUBE FORTRESSES: CASE STUDIES FROM MORAVA AND BRANIČEVO 125
VALENTINA VEZZOLI
10. THE AREA OF BUSTAN NASSIF (BAALBEK) BETWEEN THE 12TH AND THE EARLY 15TH CENT.: THE CERAMIC EVIDENCE 133
ELENA SALINAS
11. USO Y CONSUMO DE LA CERÁMICA ALMOHADE EN CÓRDOBA (ESPAÑA) 139
MARCELLO ROTILI
12. ASPETTI DELLA PRODUZIONE IN CAMPANIA NEL BASSO MEDIOEVO 148
ALESSANDRA MOLINARI | VALERIA BEOLCHINI | ILARIA DE LUCA | CHIARA DE SANTIS
EMANUELA FRESI | LAURA ORLANDI | GIORGIO RASCAGLIA | MARCO RICCI | JACOPO RUSSO
13. STILI DI VITA, PRODUZIONI E SCAMBI: LA CITTÀ DI ROMA A CONFRONTO CON ALTRI SITI DEL LAZIO. SECOLI IX-XV 158
SILVINA SILVÉRIO | ELISABETE BARRADAS
14. A CERÂMICA MEDIEVAL E TARDO-MEDIEVAL NA BEIRA INTERIOR: MATERIAIS PROVENIENTES DOS CASTELOS DE CASTELO NOVO E PENAMACOR (SÉCS. XII – XVI) 180
ISABEL MARIA FERNANDES
15. A CERÂMICA E SEU USO EM PORTUGAL, A PARTIR DE POSTURAS, TAXAS E REGIMENTOS DE OLEIROS (SÉC. XII A XVIII): A ANÁLISE DE ALGUMAS PEÇAS 188
MARGHERITA FERRI | CECILIA MOINE | LARA SABBIONESI
16. THE SOUND OF SILENCE. SCRATCHED MARKS ON LATE MEDIEVAL AND EARLY MODERN POTTERY FROM NUNNERIES: PRACTICE AND SIGNIFICANCE 203

	HENRI AMOURIC LUCY VALLAURI	
17.	LA VIE DE CHÂTEAU D'UN VAISSELIER : ROQUEVAIRE PRÈS MARSEILLE, 1593	215
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
18.	RECIPIENTES DE MEDIDAS DA CIDADE DE LISBOA	229
	ANDREIA AREZES	
19.	FORMAS CERÂMICAS E SEU SIGNIFICADO SIMBÓLICO NA ALTA IDADE MÉDIA	236
	VICTORIA AMORÓS RUIZ	
20.	LA ESTRATIGRAFÍA COMO HERRAMIENTA	242
	CRISTINA CAMACHO CRUZ	
21.	CANDILES DE PIQUERA. USO Y MORFOLOGÍA EN LA CÓRDOBA DEL SIGLO X	248
	SARA ALMEIDA ALEXANDRE VALINHO JOÃO NUNO MARQUES	
22.	CONJUNTO MEDIEVAL CERÂMICO NO CONTEXTO DA LINHA DE MURALHA DE CACELA VELHA (PORTUGAL)	253
	SILVINA SILVÉRIO ELISABETE BARRADAS	
23.	OCUPAÇÃO ISLÂMICA NA VERTENTE SUDOESTE DA VÁRZEA DE ALJEZUR – O SÍTIO DA BARRADA E A ENVOLVENTE DA IGREJA MATRIZ DE N. SRA. DA ALVA	257
	MARIA JOÃO DE SOUSA	
24.	UMA HABITAÇÃO DO SÉCULO XI/XII SOB A MURALHA DO CASTELO DOS MOUROS DE SINTRA – EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DE UM CONTEXTO DOMÉSTICO	262
	MANUEL JESÚS LINARES LOSA	
25.	UN NUEVO LOTE CERÁMICO DEL POBLADO FORTIFICADO MEDIEVAL DE “EL CASTILLEJO” (LOS GUÁJARES, GRANADA). LA CASA 7	266
	MARIA INÊS RAIMUNDO VANESSA DIAS	
26.	AL-MADAN E O SEU CONTEXTO NA PENÍNSULA IBÉRICA	271
	VANESSA FILIPE CLEMENTINO AMARO	
27.	CASTLE OF TORRES VEDRAS. ARCHAEOLOGICAL PERSPECTIVES ON A MEDIEVAL CONTEXT	275
	ALBERTO GARCÍA PORRAS MANUEL JESÚS LINARES LOSA MOISÉS ALONSO VALLADARES LAURA MARTÍN RAMOS	
28.	DE CASTILLO FRONTERIZO NAZARÍ A FORTALEZA CASTELLANA. LOS MATERIALES CERÁMICOS DEL ENTORNO DE LA TORRE DEL HOMENAJE DEL CASTILLO DE MOCLÍN (GRANADA)	279
	PILAR LAFUENTE IBÁÑEZ	
29.	CERÁMICA MUDÉJAR SEVILLANA HALLADA EN LA EXCAVACIÓN DEL SOLAR Nº 16 DE LA CALLE CERVANTES DE CORIA DEL RÍO (SEVILLA, ESPAÑA). LOS MATERIALES DEL POZO B	285
	SARA ALMEIDA SUSANA TEMUDO	
30.	CERÂMICA DO SÉCULO XIII, NO CONTEXTO DO BAIRRO JUDAICO DE COIMBRA (PORTUGAL)	291
	TÂNIA MANUEL CASIMIRO TELMO SILVA DÁRIO NEVES CAROLINA SANTOS*	
31.	CERÂMICAS MEDIEVAIS DA RUA DA CORREDOURA (ÉVORA)	298
	ALBERTO LÓPEZ MULLOR	
32.	LA CERÁMICA DEL MAS MONTGRÒS, EL BRULL (BARCELONA), SIGLOS XI-XV	303
	ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA MANUELA C. S. RIBEIRO	
33.	CERÂMICAS MEDIEVAIS (SÉCS. IX-XII) DO CASTELO DE AROUCA (N. PORTUGAL)	310
	M. CARMEN RIU DE MARTÍN	
34.	LADRILLEROS BARCELONESES DE LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XV	318
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
35.	CERÂMICAS PINTADAS A BRANCO DO SÉCULO XV/XVI ENCONTRADAS NO CASTELO DE S. JORGE, LISBOA, PORTUGAL	326
	LUÍS SERRÃO GIL	
36.	ENTRE TACHOS E PANELAS: CERÂMICA MEDIEVAL DO SILO DO CASTELO DE PORTO DE MÓS	333

- MARIA RAFFAELLA CATALDO
37. CERAMICA RIVESTITA DAL CASTELLO DI CIRCELLO (BENEVENTO) 340
- GONÇALO LOPES | JOSÉ RUI SANTOS
38. CERÂMICAS ISLÂMICAS DA NATATIO DAS TERMAS ROMANAS DE ÉVORA 346
- MARIA JOSÉ GONÇALVES
39. CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS UTENSÍLIOS DO QUOTIDIANO DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: A CERÂMICA DECORADA A VERDE E MANGANÊS 353

TEMA: 2

CERÂMICA E ALIMENTAÇÃO

POTTERY AND FOOD

- JOANITA VROOM
40. THE ARCHAEOLOGY OF CONSUMPTION IN THE EASTERN MEDITERRANEAN: A CERAMIC PERSPECTIVE 359
- F. CANTINI | S. G. BUONINCONTRI | B. FATIGHENTI
41. CERAMICA E ALIMENTAZIONE NEL MEDIO VALDARNO INFERIORE MEDIEVALE: IL CASO DI SAN GENESIO (SAN MINIATO-PI) 368
- JAQUELINA COVANEIRO | SANDRA CAVACO
42. ENTRE TACHOS E PANELAS: A EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE COZINHA (TAVIRA) 377
- JUAN ZOZAYA
43. CACHARROS, FUEGOS, COMIDAS, SERVICIOS, ESCRITURAS... 387
- TÂNIA MANUEL CASIMIRO | LUÍS DE BARROS
44. DE QUEM SÃO ESTAS OLLAS? COMER, BEBER, ARMAZENAR EM ALMADA NO SÉCULO XIII 392

TEMA: 3

O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO

THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC

- ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA | PEDRO PEREIRA | TERESA P. CARVALHO
45. CONJUNTOS CERÂMICOS DO CASTELO DE CRESTUMA (VILA NOVA DE GAIA, N. PORTUGAL). PRIMEIROS ELEMENTOS PARA UMA SEQUÊNCIA LONGA (SÉCS. IV-XI) 401
- JORGE DE JUAN ARES | YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ | MARÍA DEL CRISTO GONZÁLEZ MARRERO | MIGUEL ÁNGEL HERVÁS HERRERA | JORGE ONRUBIA PINTADO
46. OBJETOS PARA UN ESPACIO Y UN TIEMPO DE FRONTERA: EL MATERIAL CERÁMICO DE FUM ASACA EN SBUYA, PROVINCIA DE SIDI IFNI, MARRUECOS (SS. XV-XVI) 420
- HUGO BLAKE | MICHAEL J. HUGHES
47. THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC ARCHAOMETRICAL RESEARCH ON THE PROVENANCE OF 'MEDITERRANEAN MAIOLICA' AND ITALIAN POTTERY FOUND IN GREAT BRITAIN 432
- HENRI AMOURIC | GUERGANA GUIONOVA | LUCY VALLAURI
48. CÉRAMIQUES AUX ÎLLES D'AMÉRIQUE. LA PART DE LA MÉDITERRANÉE (XVIIIE-XIXE S.) 440
- RODRIGO BANHA DA SILVA | ADRIAAN DE MAN
49. PALÁCIO DOS CONDES DE PENAFIEL: A SIGNIFICANT LATE ANTIQUE CONTEXT FROM LISBON 455
- MARCO LIBERATO | HELENA SANTOS
50. CIRCULAÇÃO DE MATERIAIS SETENTRIONAIS NA SANTARÉM MEDIEVAL 461
- MIGUEL BUSTO ZAPICO | JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | ROGELIO ESTRADA GARCÍA
51. LAS LOZAS DE LA CASA CARBAJAL SOLÍS, PUNTO DE ENCUENTRO ENTRE EL MEDITERRÂNEO Y EL NORTE DE EUROPA 466
- ARMANDO SABROSA† | INÊS PINTO COELHO | JACINTA BUGALHÃO
52. AS PORCELANAS DA SÉ DA CIDADE VELHA, ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE 473

TEMA: 4
EVOLUÇÃO E TRANSFERÊNCIA DAS TÉCNICAS
EVOLUTION AND TRANSFER OF TECHNIQUES

- JOAN NEGRE PÉREZ
53. PRODUCCIONES CERÁMICAS EN EL DISTRITO DE ȚURȚUȘA ENTRE LA ANTIGÜEDAD TARDÍA Y EL MUNDO ISLÁMICO (SIGLOS VI-XII) 483
- KONSTANTINOS T. RAPTIS
54. BRICK AND TILE PRODUCING WORKSHOPS IN THE OUTSKIRTS OF THESSALONIKI FROM FIFTH TO FIFTEENTH CENTURY: A STUDY OF THE FIRING TECHNOLOGY THAT HAS BEEN DIACHRONICALLY APPLIED IN THE CERAMIC WORKSHOPS OF A LARGE BYZANTINE URBAN CENTER 493
- LÍDIA FERNANDES | JOÃO COROADO | MARCO CALADO | CHIARA COSTANTINO
55. OCUPAÇÃO MEDIEVAL ISLÂMICA NO MUSEU DE LISBOA -TEATRO ROMANO DE LISBOA: O CASO DO APROVEITAMENTO DO *POST SCAENIUM* NO DECURSO DO SÉCULO XII 509
- ROSALIND A WADE HADDON
56. WHAT WAS COOKING IN ALEPPO IN THE TWELFTH AND THIRTEENTH CENTURIES? 519
- IBRAHIM SHADDOUD
57. PRODUCTION DE POTERIE CHEZ LES NIZARITES DE SYRIE : L'ATELIER DE MASSYAF (MILIEU XII^e-PREMIER TIERS DU XIV^e SIÈCLE) 525
- SERGIO ESCRIBANO-RUIZ | JOSE LUIS SOLAUN BUSTINZA
58. LA INTRODUCCIÓN Y NORMALIZACIÓN DE LA CERÁMICA VIDRIADA EN EL CANTÁBRICO ORIENTAL A LA LUZ DEL REGISTRO CERÁMICO DE VITORIA-GASTEIZ (SIGLOS XII-XV) 534
- JAUME COLL CONESA | JOSEP PÉREZ CAMPS | MARTA CAROSCIO | JUDIT MOLERA
TRINITAT PRADELL | GLÓRIA MOLINA
59. ARQUEOLOGÍA, ARQUEOMETRÍA Y CADENAS OPERATIVAS DE LA CERÁMICA DE MANISES LOCALIZADA EN EL SOLAR FÁBRICAS Nº 1 (BARRI D'OBRADORS, MANISES, CAMPAÑA 2011) 549
- JACQUES THIRIOT | DAVID OLLIVIER | VÉRONIQUE RINALDUCCI
60. FOUILLER LES ENCYCLOPÉDISTES : TRANSFERT DE MODÈLES AUX ANTILLES FRANÇAISES 560
- ELENA SALINAS | JUAN ZOZAYA
61. PECHINA: EL ANTECEDENTE DE LAS CERÁMICAS VIDRIADAS ISLÁMICAS EN AL-ANDALUS 573
- GUERGANA GUIONOVA | ROCCO RANTE
62. APERÇU SUR LA PRODUCTION DES ATELIERS DE PAYKEND, OASIS DE BUKHARA, OUZBÉKISTAN 577
- KRINO P. KONSTANTINIDOU | KONSTANTINOS T. RAPTIS
63. ARCHAEOLOGICAL EVIDENCE OF AN ELEVENTH-CENTURY KILN WITH RODS IN THESSALONIKI 589
- LAURA APARICIO SÁNCHEZ
64. EL ALFAR CORDOBÉS DE OLLERÍAS Y SUS PRODUCCIONES (SIGLOS XII-XIII) 596
- SERGEY BOCHAROV | ANDREY MASLOWSKIY
65. THE EASTERN CRIMEAN CENTERS OF GLAZE POTTERY PRODUCTION IN 13TH AND 14TH CENTURIES 604
- JAUME COLL CONESA | CLODOALDO ROLDÁN GARCÍA
66. COMPOSICIÓN DEL PIGMENTO DE COBALTO Y CRONOLOGÍA DE LA AZULEJERÍA MEDIEVAL DE MANISES (VALENCIA) CONSERVADA EN EL MUSEO NACIONAL DE CERÁMICA 608
- JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | CLAUDIO CAPELLI | ROBERTA DI FEBO
MARISOL MADRID I FERNÁNDEZ | ROBERTA DI FEBO | JAUME BUXEDA I GARRIGÓS
67. IMITACIONES DE CERÁMICAS À TACHES NOIRES EN BARCELONA EN EL S. XVIII. DATOS ARQUEOLÓGICOS Y ARQUEOMÉTRICOS 613
- ANNA RIDOVICS | BERNADETT BAJNÓCZI | GÉZA NAGY | MÁRIA TÓTH
68. THE TRANSFER OF THE TIN-GLAZED FAIENCE TECHNOLOGY BY HUTTERITE ANABAPTISTS TO EAST-CENTRAL EUROPE DURING 16TH AND 17TH CENTURIES 619

TEMA: 5

CERÂMICA E COMÉRCIO

CERAMICS AND TRADING

YASEMIN BAGCI VROOM

69. A NEW LOOK ON MEDIEVAL CERAMICS FROM THE OLD GÖZLÜKULE EXCAVATIONS: A PRELIMINARY PRESENTATION 627

EVELINA TODOROVA

70. POLICY AND TRADE IN THE NORTHERN PERIPHERY OF THE EASTERN MEDITERRANEAN: AMPHORA EVIDENCE FROM PRESENT-DAY BULGARIA (7TH-14TH CENTURIES) 637

ISABEL CRISTINA FERNANDES | CLAIRE DÉLÉRY | SUSANA GÓMEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO
MARCÓ LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JÁCINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO
SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO

71. O COMÉRCIO DA CORDA SECA NO GHARB AL-ANDALUS 649

CLAUDIO FILIPPO MANGIARACINA

72. LA SICILIA ISLAMICA: PRODUZIONE, CIRCOLAZIONE E CONSUMO DI CERAMICA (IX-PIENO XI SECOLO) 667

GUERGANA GUIONOVA

73. CÉRAMIQUE D'IMPORTATION DU XIVE AU XVIIIE S. EN BULGARIE 681

INÉS M^ª CENTENO CEA | ÁNGEL L. PALOMINO LÁZARO | MANUEL MORATINOS GARCÍA
M^ª J. NEGREDO GARCÍA | J.E. SANTAMARÍA GONZÁLEZ

74. CERÂMICA DE COCINA RUGOSA DE PASTAS CLARAS/CAMPURRIANA VERSUS CERÂMICA GRANÍTICA/ZAMORANA. PATRONES DE DISTRIBUCIÓN Y EXPANSIÓN EN ÉPOCA BAJOMEDIEVAL Y EN LA TRANSICIÓN A LA EDAD MODERNA EN EL NORTE DE CASTILLA Y LEÓN 692

VASSILEIOS D. KOROSIS

75. CONSUMPTION AND IMPORTATION OF CERAMICS IN A FAIRLY UNKNOWN SITE OF LATE ROMAN GREECE. A CASE STUDY FROM MEGARA, ATTICA, GREECE 701

NATALIA GUINKUT | VICTOR LEBEDINSKI | JULIA PRONINA

76. MEDIEVAL AMPHORAE FROM SHIPWRECKS NEAR CHERSONES TAURICA 707

VICTOR FILIPE | MARCO CALADO | SANDRA GUERRA | ANTÓNIO VALONGO
JOÃO LEÓNIDAS | ROMÃO RAMOS | MARGARIDA ROCHA | JACINTA COSTA | NATALIA GINKUT

77. A CERÂMICA DE IMPORTAÇÃO NO ARRABALDE OCIDENTAL DE LUXBUNA (LISBOA). DADOS PRELIMINARES DA INTERVENÇÃO REALIZADA NO HOTEL DE SANTA JUSTA 711

SYLVIE YONA WAKSMAN

78. LATE MEDIEVAL POTTERY PRODUCTION IN SOUTH WESTERN CRIMEA: LABORATORY INVESTIGATIONS OF CERAMICS FROM CEMBALO (REGION OF SEBASTOPOL / CHERSONESOS)* 719

RAFFAELLA CARTA

79. LA CERAMICA ITALIANA INDICATORE DEL COMMERCIO TRA IL MEDITERRANEO OCCIDENTALE E L'ATLANTICO (SECOLI XV-XVII) 724

JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | NÚRIA MIRÓ I ALAIX

80. BARCELONA Y EL COMERCIO INTERIOR DE CERÂMICA EN EL SIGLO XVII Y PRINCIPIOS DEL XVIII: VILAFRANCA DEL PENEDÉS (BARCELONA), TERUEL, VILLAFELICHE Y MUEL (ZARAGOZA), VALENCIA, TALAVERA DE LA REINA (TOLEDO), SEVILLA Y PORTUGAL 729

TEMA: 6

NOVAS DESCOBERTAS

NEW DISCOVERIES

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

81. MEDIEVAL POTTERY FROM THE FORUM OF AEMINIUM (COIMBRA, PORTUGAL) : A PROPOSAL OF CHRONO-TYOLOGICAL EVOLUTION 739

	ABDALLAH FILI	
82.	LE DÉCOR DE LA CÉRAMIQUE DE FÈS À L'ÉPOQUE MÉRINIDE, TYPOLOGIE ET STATISTIQUES	750
	SOPHIE GILOTTE YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ JORGE DE JUAN ARES	
83.	UN AJUAR DE ÉPOCA ALMORÁVIDE PROCEDENTE DE ALBALAT (CÁCERES, EXTREMADURA)	763
	MARCO LIBERATO	
84.	A PINTURA A BRANCO NA SANTARÉM MEDIEVAL. SÉCULOS XI A XVI	777
	THIERRY JULLIEN MOHAMED KBIRI ALAOU VIRGINIE BRIDOUX ABDELFATTAH ICHKHAKH EMELINE GRISONI CÉLINE BRUN SÉVERINE LECLERCQ HICHAM HASSINI HALIMA NAJI	
85.	LES CÉRAMIQUES MÉRINIDES DE KOUASS (ASILAH-BRIECH, MAROC)	792
	ELVANA METALLA	
86.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE EN ALBANIE : RELATIONS ENTRE LES PRODUCTIONS BYZANTINES ET ITALIENNES	807
	ANDRÉ TEIXEIRA AZZEDDINE KARRA PATRÍCIA CARVALHO	
87.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE D'AZEMMOUR (MAROC) : DONNÉES PRÉLIMINAIRES SUR DES VESTIGES DE PRODUCTION POTIÈRE	819
	EBRU FATMA FINDIK	
88.	MEDIEVAL GLAZED CERAMICS FROM MYRA AND NEW RESULTS	831
	SERGEY BOCHAROV ANDREY MASLOWSKIY AIRAT SITDIKOV	
89.	THE KASHI POTTERY IN THE WESTERN REGIONS OF GOLDEN HORDE	840
	ÉLVIO DUARTE MARTINS SOUSA FERNANDO CASTRO	
90.	NOVOS DADOS QUÍMICOS DE FORMAS DE PÃO-DE AÇÚCAR PRODUZIDAS EM PORTUGAL: SÉCULOS XV A XVI	846
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
91.	CERÂMICAS COMUNS DA ANTIGUIDADE TARDIA PROVENIENTES DO CLAUSTRO DA SÉ DE LISBOA – PORTUGAL	851
	M ^ª TERESA XIMÉNEZ DE EMBÚN SÁNCHEZ	
92.	TIPOS Y CONTEXTOS CERÁMICOS EN EL YACIMIENTO EMIRAL DEL CABEZO PARDO (SAN ISIDRO, ALICANTE). UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA CULTURA MATERIAL EN EL SE PENINSULAR	861
	CRISTINA GONZALEZ	
93.	QUINTA DA GRANJA 1: CERÂMICA EMIRAL DE UM POVOADO DA ÉSTREMADURA	866
	DÉBORA MARCELA KISS	
94.	LA CERÁMICA DEL TOSSAL DEL MORO (BENILLOBA, ALACANT). PRIMEROS RESULTADOS DEL ESTUDIO DE LOS FONDOS DEPOSITADOS EN EL CENTRE D'ESTUDIS CONTESTANS	875
	CRISTINA GARCIA PATRÍCIA DORES CATARINA OLIVEIRA MIGUEL GODINHO	
95.	TIPOLOGIA E FUNCIONALIDADE NAS CERÂMICAS DA CASA I DO BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO EM CACELA-A-VELHA	882
	MANUEL RETUERCE VELASCO MANUEL MELERO SERRANO	
96.	AZULEJOS ALMOHADES VIDRIADOS A MOLDE DE CALATRAVA LA VIEJA (1195-1212)	887
	ANA CRISTINA RAMOS MIGUEL SERRA	
97.	NOVOS DADOS SOBRE HALQAL-ZAWIYA (LAGOS, PORTUGAL)	893
	KAREN ÁLVARO M. DOLORES LÓPEZ ESTHER TRAVÉ	
98.	UNA NUEVA CONTRIBUCIÓN AL ESTUDIO DE LA LOZA BARCELONESA DECORADA EN VERDE Y MANGANESO	900
	CARLOS BOAVIDA	
99.	MEDIEVAL POTTERY FROM THE CASTLE OF CASTELO BRANCO (PORTUGAL)	906
	FRANCISCO MELERO GARCÍA	
100.	POTTERY OF THE NASRID PERIOD OF CÁRTAMA (MÁLAGA)	912

CONSTANÇA GUIMARÃES DOS SANTOS | ELISA ALBUQUERQUE

101. A CAPELA DE SÃO PEDRO DA CAPINHA ATRAVÉS DOS MATERIAIS: A CERÂMICA MEDIEVAL 917

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

102. "TRAÇOS MOURISCOS" NA CERÂMICA DO SÉCULO XV DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE COIMBRA
(MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO) 924

IRYNA TESLENKO

103. CRIMEAN LOCAL GLAZED POTTERY OF THE 15TH CENTURY 928

MARIA JOSÉ GONÇALVES

104. CERÂMICA EM CORDA SECA DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO 934

TEMA: 3

O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO
THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC

LAS LOZAS DE LA CASA CARBAJAL SOLÍS, PUNTO DE ENCUENTRO ENTRE EL MEDITERRÁNEO Y EL NORTE DE EUROPA

Resumen: La cerámica objeto de estudio procede de un conjunto cerrado hallado en las excavaciones arqueológicas del año 2009 en la casa Carbajal Solís, sita en el nº 10 de la calle de la Rúa de la ciudad de Oviedo (Asturias, España). Su cronología abarcaría los últimos momentos del medievo y los inicios de la modernidad. Aplicando una metodología exhaustiva, lo que se ha pretendido es, no solo crear una serie de tipologías orientadas a proporcionar tablas de formas o de cronologías cerámicas, sino que se ha tratado de rastrear la importancia histórica de las mismas. Ello permite aclarar una serie de cuestiones relacionadas con la procedencia de las piezas. Al mismo tiempo, obtener una información amplia sobre las producciones cerámicas peninsulares y europeas, entre la Baja Edad Media y la primera Edad Moderna. Este lote, queda así configurado, como un punto de encuentro entre diferentes realidades como son la puramente ibérica, la Mediterránea y la del norte de Europa.

Abstract: The faïence set that is going to be studied here comes from a closed group that was found in archaeological excavations in 2009 in the Carbajal Solís's house, located at the number 10 of La Rúa Street, the city of Oviedo (Asturias, Spain). Its chronology covers the last time of the Middle Age Period and Early Modern period. By applying a comprehensive methodology, we have tried for the one hand not only to create several typologies aimed at providing forms or tables of ceramic chronologies but we have tried to trace their historical importance. This helps us to clarify a number of issues related to the origin of the pieces. At the same time, it allowed us to obtain comprehensive information about the ceramic productions of the Iberian Peninsula and Europe between the late Middle Age and Early Modern period. Therefore, this set is configured as a meeting point between different realities as the purely Iberian tradition, the Mediterranean tradition and the north European tradition.

INTRODUCCIÓN

Abordamos aquí el estudio de un lote cerámico hallado en la casa Carbajal Solís, localizada en el nº 10 de la calle de la Rúa, uno de los ejes principales en la época bajomedieval y moderna de la ciudad de Oviedo, capital del Principado de Asturias (España). Dicho hallazgo ha sido fruto de las excavaciones arqueológicas dirigidas por Rogelio Estrada García, que se llevaron a cabo en el año 2009 como consecuencia de la ampliación del Museo de Bellas Artes de Asturias (Fig. 1).

Este conjunto procede de un contexto estratigráfico localizado en la fosa séptica de la casa y que ha sido datado a partir de la secuencia estratigráfica, de la documentación escrita y a través de la información intrínseca derivada de la propia cultura material cerámica. Gracias a estos datos hemos podido otorgarle una cronología bastante ajustada que se extiende desde la navidad del año 1521, momento en el que un incendio destruyó buena parte de la ciudad de Oviedo (Álvarez Fernández, 2009), hasta los años 1656-1660, fechas en torno a las cuales el arquitecto Melchor de Velasco Agüero remodela la casa por orden de Juan de Carbajal Solís (AHPA: Protocolos notariales de Oviedo. Cajas: 7395 (f.23), 7159 (f.37), 7654 (f.63) y 7277 (s/f)). Así, la fosa séptica pertenece a una construcción posterior al año 1521 que estuvo en uso hasta que fue colmatada y sellada con motivo de estas reformas (Fig.2). Por lo tanto, nos encontramos ante un lote cerámico cuya cronología se extiende desde el primer cuarto del siglo XVI, hasta las décadas centrales del siglo XVII. Es preciso señalar que a pesar de ser muy frecuente en el registro arqueológico de cualquier ciudad, el conocimiento de la cerámica bajo-medieval y moderna se encuentra en un estado inicial (Coll Conesa, 2011). En definitiva, lo que se

ha pretendido es iniciar una línea de estudio cuyos resultados se revisen y se superen en futuros trabajos.

OBJETO DE ESTUDIO

En este trabajo nos centraremos en el grupo de las lozas, que se corresponde con un 15% del total hallado en la excavación de la fosa séptica. La existencia de un buen número de piezas completas o casi completas, nos han permitido identificar con cierta precisión el tipo de vajilla utilizada en el solar de la actual casa Carbajal Solís y en extensión por una familia acomodada asturiana en el tránsito de la Baja Edad Media a la modernidad. Nos encontramos con piezas buenamente atribuibles a un periodo exacto y a un alfar concreto peninsular o, en muchos casos, europeo. Partiendo de esta muestra, se ha tratado de desarrollar una sistematización de carácter abierto, tratando de potenciar el futuro crecimiento del estudio haciéndolo dinámico, para que pueda ser tomado como base.

OBJETIVOS

En primer lugar, nuestro objetivo general, o de más alto nivel, busca poder aportar nuevos datos para conocer el tejido social ovetense entre los siglos XV y XVII, tomando como vía el conocimiento que nos aporta la arqueología a través del estudio del registro material cerámico procedente de la excavación de la casa Carbajal Solís, constituido por piezas tanto de procedencia local (que se estudiarán en otros trabajos), como de un carácter importado, un área de estudio casi inexplorada. Para poder llevarlo a cabo ha sido necesario estructurarlo en una serie de objetivos específicos, que han sido determinantes en todo el proceso de investigación.

* bustomiguel@uniovi.es - Personal Investigador en Formación, Programa "SEVERO OCHOA" de Ayudas Predoctorales. Universidad de Oviedo.

** avelino@uniovi.es - Profesor Titular de Arqueología. Universidad de Oviedo.

*** rogelioestrada@uniovi.es - Arqueólogo consultor

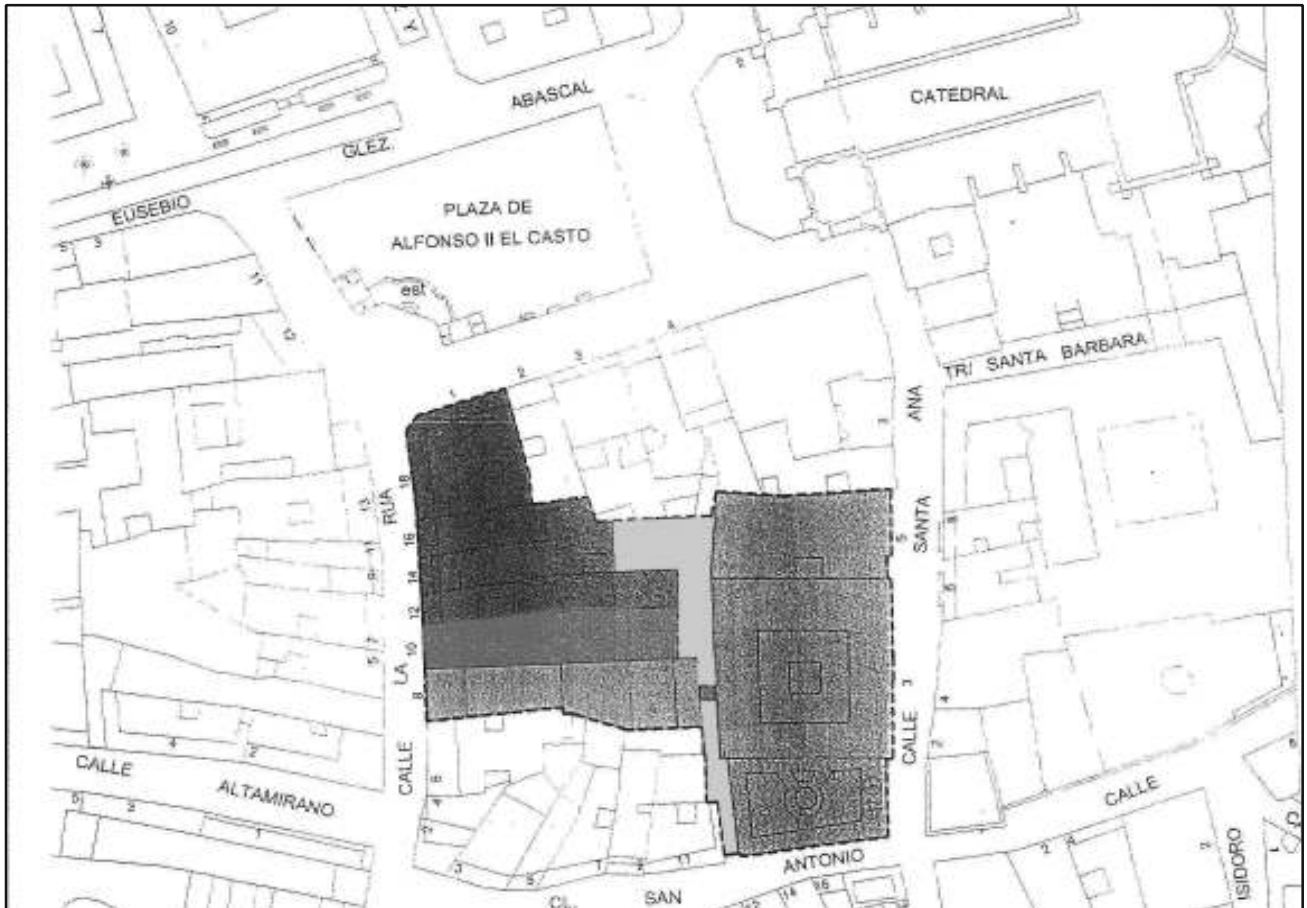


Fig.1 Detalle del plano de Oviedo. Destacados los solares intervenidos arqueológicamente durante la ampliación del Museo de Bellas Artes de Asturias.



Fig.2 Fosa séptica en proceso de excavación, donde se hallaron los materiales. Foto de Rogelio Estrada García.

El primero de ellos ha sido tratar de obtener información sobre las producciones cerámicas representadas en el lote y rastrear su importancia histórica, creando al mismo tiempo una serie de tipologías orientadas a proporcionar tablas de formas cerámicas. Lo que se ha pretendido es llevar a cabo una caracterización lo más amplia y profunda posible de cada una de las piezas, en base a aspectos cuantitativos, tecnológicos, funcionales-tipológicos, morfológicos y decorativos. Al tratarse de unas cerámicas que apenas han suscitado el interés de los investigadores, este primer enfoque de carácter más básico y clasificatorio se muestra como imprescindible.

Simultáneamente, nos hemos marcado como objetivos específicos, tratar de averiguar la procedencia de estas piezas y de obtener unas cronologías aproximadas de cada una de las tipologías estudiadas. Al conocer el lugar de producción de las cerámicas que componen el lote, hemos visto como, junto a las vasijas de procedencia eminentemente local, había un grupo porcentualmente destacado de producciones de diferentes alfares peninsulares y europeos. Para realizar la periodización del lote, nos hemos basado en toda la documentación arqueológica y estratigráfica de la excavación de la casa Carbajal Solís. La comparación con otros estudios cerámicos ha sido un paso fundamental tanto para afinar esas cronologías, como para averiguar su procedencia y dotar a las tipologías de una serie de paralelos con otros materiales similares, que permitan elaborar unas conclusiones de un modo más global, establecimiento relaciones con diferentes áreas geográficas.

Además, nos hemos marcado como objetivo específico aportar una nueva vía para el estudio de la sociedad asturiana y nuevas líneas de trabajo. Así, partiendo del estudio del registro arqueológico cerámico se han obteniendo nuevos datos acerca de la sociedad ovetense, el papel del Principado de Asturias en los circuitos comerciales y el proceso de transición entre la época medieval y la moderna. Toda la información obtenida; nos lleva a señalar la necesidad de continuar por esta vía y ampliar el estudio a nuevos lotes y, desde luego, plantearnos nuevas incógnitas, que nos permitan alcanzar conclusiones de un orden más profundo.

La finalidad que hemos perseguido ha sido alcanzar un grado de conocimiento básico de las producciones cerámicas peninsulares y europeas, entre la Baja Edad Media y la primera Edad Moderna, presentes en nuestro lote. A través del estudio del registro material cerámico, podemos arrojar luz sobre la sociedad asturiana en una época de tránsito. Lo que buscamos en definitiva es obtener la mayor información arqueológica de nuestro lote, contrastando y planteando nuevas hipótesis.

METODOLOGÍA

La aplicación de la metodología ha dado como fruto un estudio pormenorizado del material cerámico. Hemos planificado un método de estudio sistemático (Orton *et alii*, 1997), que tiene como base una serie de técnicas de observación y de reglas de razonamiento, que nos han permitido plantear un estudio acertado, lógico y adaptado al lote cerámico procedente de la excavación del solar nº10

de la calle de la Rúa de Oviedo. Para realizar el análisis tecnológico hemos tenido en cuenta las arcillas, el moldeado, la cocción y los desgrasantes. Este análisis ha derivado en la creación de dos grandes grupos. El Grupo I (85% de las piezas) está compuesto por cerámica “común”, procedente en su mayoría de alfares locales y, salvo excepciones, carente de cualquier tipo de cubierta. El Grupo II (15% de las piezas) está formado en su totalidad por lozas importadas; serán estas piezas las que estudiaremos en este trabajo.

A su vez, el sistema que hemos utilizado para estudiar cada uno de los grupos, se basa en establecer divisiones dentro del mismo; la primera hace referencia a la categoría funcional, la segunda indica el grupo o la serie cerámica y la tercera, el tipo particular o subtipo dentro de la serie.

ESTUDIO DE LAS LOZAS DE LA CASA CARBAJAL SOLÍS

El Grupo II de la casa Carbajal Solís representa el 15% del material estudiado y está compuesto en su totalidad por la denominada “cerámica de lujo” o “vajilla de lujo”, términos que se utilizan en arqueología para referirse a aquellas producciones, casi siempre usadas en el servicio de mesa, que por su carácter “extraordinario” se diferencian de la cerámica más común no revestida ni decorada. El Grupo II, está compuesto en su totalidad por loza, término que designa a las cerámicas con cubierta vidriada en estaño y decoración con pigmentos metálicos, de diferentes tipos. Una característica fundamental del Grupo II es que ninguna de las piezas que lo conforman ha sido elaborada en Asturias, todas son importaciones de diferentes lugares de la Península Ibérica y de Europa.

Estas cerámicas han sido clasificadas del siguiente modo debido a las características y color de sus patas, del esmalte y de la ejecución de la decoración. Cabe señalar que mientras no se realicen análisis minero-petrográficos no podremos determinar con total certeza el lugar de producción de tales materiales, pero hemos tratado de acercarnos lo máximo posible.

El estudio tecnológico llevado a cabo en el Grupo II, ha incidido en su carácter homogéneo. Aunque estemos ante producciones de alfares muy lejanos entre sí y con un escaso contacto, parecen manejar y conocer las mismas técnicas de producción y fabricación. No hay que olvidar que estamos hablando de cerámicas realizadas entre el siglo XVI y el XVII, momento en el que empezamos a observar en Europa, modelos de producción que podemos considerar preindustriales. En cuanto a su nivel tecnológico, estamos ante piezas que presentan un alto grado de elaboración. En lo que se refiere a su arcilla, son pastas muy decantadas, con unos desgrasantes de pequeño tamaño, casi imperceptibles. Por lo común, tienen una coloración clara, de color blanco o marfil y en su elaboración pueden mezclarse generalmente una o varias arcillas refractarias y caolines, con feldespato, cuarzo o greda. Estas piezas están recubiertas de un esmalte opaco de color blanco cuya composición principal es el óxido de estaño, elemento que da nombre a esta producción cerámica, conocida por muchos autores como loza estannífera.

Deteniéndonos en su factura, son piezas elaboradas a torno, con un nivel de estandarización muy alto que nos ofrece piezas morfométricamente casi idénticas, sus particularidades vienen de su decoración. En una de estas piezas (*bianchi di Faenza*), el artesano se sirvió de un molde para otorgarle esa morfología tan particular. Una vez que la pieza estaba ultimada y después de una fase de secado, se cocían en un horno con una atmósfera oxidante. Todas estas piezas al tratarse de lozas recibirían una segunda cocción (Seseña, 1975).

La homogeneidad que venimos señalando, queda remarcada en el análisis funcional-tipológico. Todo el Grupo II está adscrito a una única categoría funcional que es la cerámica de mesa. Si nos fijamos en las series cerámicas, tan solo se dan cuatro de ellas, las series plato (58%), taza (15%), fuente (15%) y cuenco (12%), formas típicas del manejo de mesa. Destaca la serie plato con casi un 60% de todo el Grupo II, junto a ella el resto de series se mueven en porcentajes muy similares (Fig. 3).

Dentro de las producciones peninsulares que hemos hallado, el tipo más abundante es el talaverano, destacando los centros productores de Talavera de la Reina y Puento del Arzobispo. Dentro de esta tipología, poseemos ejemplares de la serie tricolor, con su característica cenefa castellana, que se produce desde finales del siglo XVI y se extiende a lo largo de todo el siglo XVII (Martínez Caviro, 1968: 100; Seseña, 1981: 84; Martínez Caviro, 1984: 20; García Serrano, 2002).

También poseemos un ejemplar de la serie azul, idéntica a la tricolor, salvo por el uso tan solo del azul y del blanco, que comienza a producirse a principios del siglo XVI, entre 1600 y 1625, conviviendo con la serie tricolor (González Zamora, 2003: 26, 136). Igualmente está representada la serie blanca que, debido a su ausencia de decoración, apenas ha suscitado interés en las publicaciones, aunque sea probablemente la producción más habitual de los hornos talaveranos y se fabrique desde el siglo XVI perviviendo hasta el XVIII (González Zamora, 2003: 93-94). Por otro lado, dos tazas de la serie policroma merecen especial atención, dado que las escenas que representan ofrecen gran vigor y originalidad. Estamos, en principio, ante dos ejemplares únicos, tanto por sus formas, como por su decoración y temprana cronología, el registro arqueológico nos invita a fechar estas tazas con anterioridad a 1660.

Las lozas portuguesas constituyen el grupo más representado. Lisboa, Coímbra y Vila Nova son los grandes centros de producción de estas piezas (Sebastian, 2010: 49). Dentro de las piezas estudiadas, nos encontramos con una serie de platos que presentan motivos geométricos con decoración en “eses” en el ala y líneas concéntricas en el fondo del plato. Relacionamos esta tipología con el clásico motivo de *rendas o randas*, que se da a comienzos del siglo XVII (Casimiro, 2010). Así mismo, tenemos un ejemplar de lo que hemos llamada chino portugués. El ala va decorada con un motivo de encaje de bolillos y el centro del plato con un paisaje oriental, ejemplo de una pieza del tipo *kraak-*

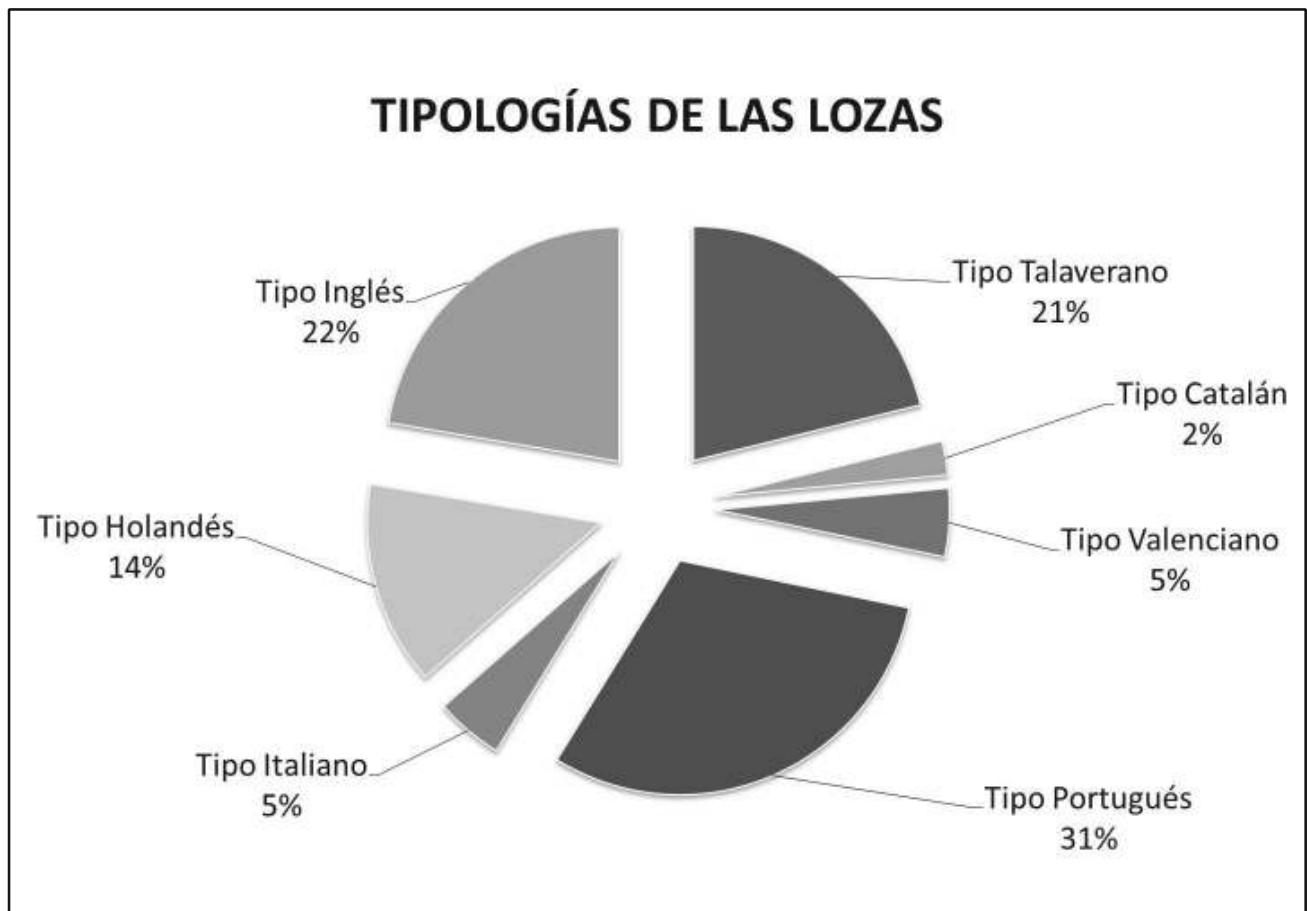


Fig.3 Tipologías y porcentajes de las lozas de la casa Carbajal Solís.

porcelain (González Zamora, 2003:137). Desde luego, este tipo de decoración no sorprende, dado que la moda chinesca; se impone en las lozas europeas a comienzos del siglo XVII (Álvaro Zamora, 1987: 45). Además, tenemos un ejemplo claro de la serie de *aranhoes*, típicamente portuguesa. Es una decoración influenciada por las formas chinas, dado que intenta reproducir diversos símbolos que decoraban sus porcelanas (Casimiro, 2010, 596-597). Es una de las decoraciones más emblemáticas de la loza portuguesa, según vaya pasando el tiempo se independizará de las formas chinas y adquirirá unos rasgos independientes y particulares.

La última de las producciones portuguesas es la serie que hemos denominado helechos portugués. El borde está dividido en una serie de compartimentos por elementos de carácter geométrico, en su interior encontramos la decoración de hojas de helechos con una disposición perpendicular al fondo del plato, que a su vez presenta una decoración muy recargada con toda una sucesión de motivos geométricos y vegetales. Es una serie de origen portugués que podemos fechar en la primera mitad del siglo XVII, una tipología estrechamente relacionada con la serie helechos talaverana, aunque probablemente anterior a ésta (Busto Zapico, 2013: 176-178).

Para finalizar con la Península Ibérica, otras producciones que aparecen representadas, pero en menor medida son la serie azul valenciana y la serie de la corbata catalana, pero ambas con pequeños fragmentos que no nos han permitido

unas adscripción segura (Fig. 4).

Saliéndonos del ámbito puramente ibérico y dirigiéndonos al Mediterráneo, desde Italia nos ha llegado los fragmentos de tres fuentes, una del tipo *bianchi di Faenza* y las otras dos decoradas en azul sobre blanco que hemos relacionado con producciones ligureas. Las producciones ligureas podemos fecharlas a partir del siglo XVI, encajan con la tipología *bianco-blu*, por sus motivos geométricos y vegetales en azul cobalto (Carta, 2008: 683). La fuente con paralelos en Faenza, posee un morfología peculiar con un su ala formando gallonaduras, algo común en este tipo de producciones. A partir del siglo XVI se pusieron de moda los plateros y los servicios de mayólica de lujo blanca, convirtiéndose en un elemento de máxima distinción entre los nobles y potentes europeos (Carta, 2008: 90).

Si nos dirigimos a las producciones del Norte de Europa, un grupo importante es el de procedencia holandesa, más concretamente apuntamos su origen en las producciones de Delft. Hemos distinguido dos grupos el primero con decoración de carácter figurativo, con platos con la efigie de un león rampante y también con figuras humanas que parecen representar oficios. Esta serie de platos podemos ponerla en relación con los platos de los oficios realizados en Delft, que a su vez influirán en las series de azulejos de los oficios catalanes, que comenzarán a producirse a mediados del siglo XVII (Batllori *et alii*, 1949:42) El segundo grupo ofrece un paisaje de influencia chinesca. Relacionamos

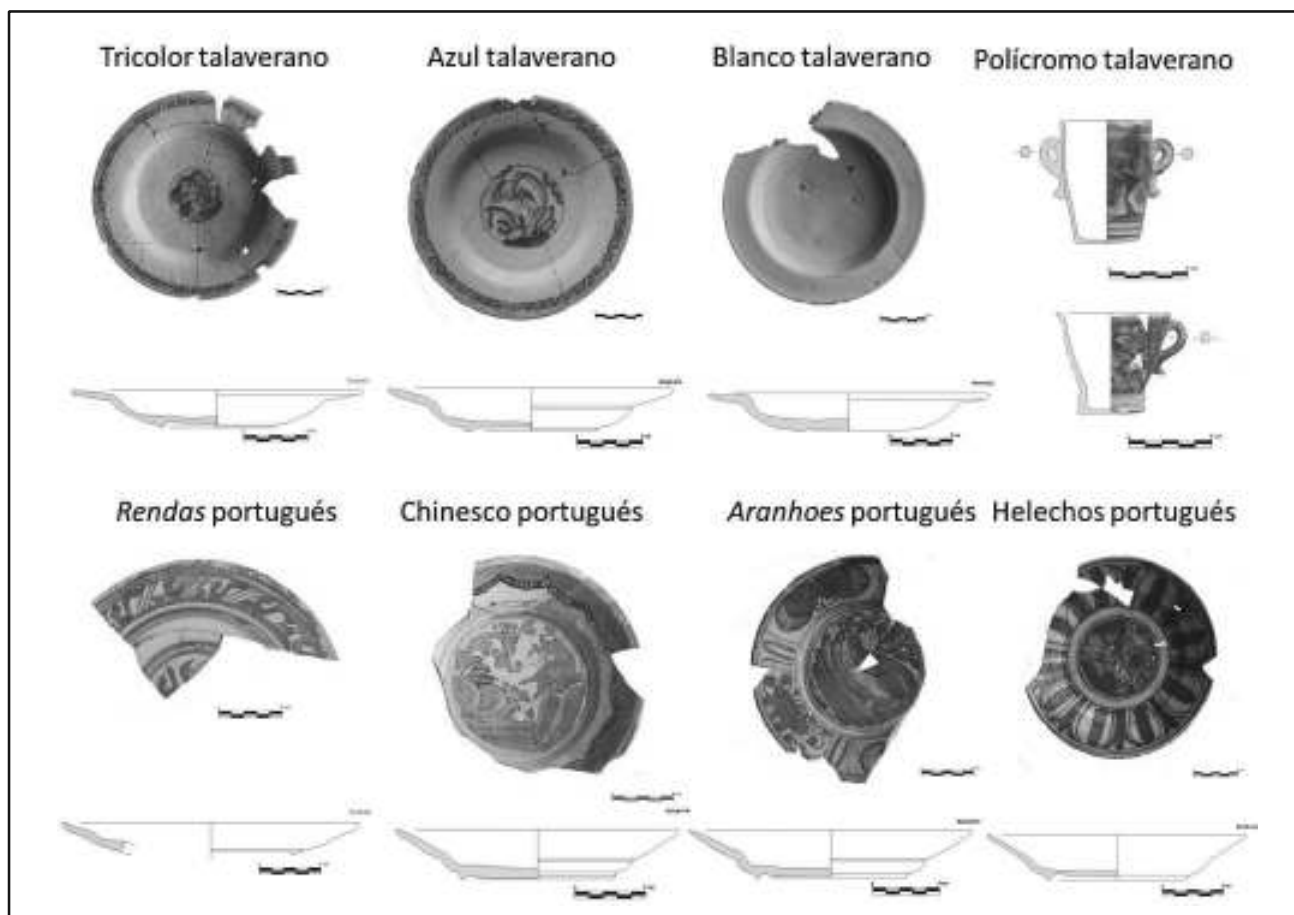


Fig.4 Series y tipos procedentes de la Península Ibérica.

ambas decoraciones con el tipo à *décor en camaïe bleu aile blanche* que se da en Delft desde mediados del siglo XVII (Fäy-Hallé *et alii*, 2003).

Procedente de Inglaterra y relacionado con la tipología de “piezas políticas” que se desarrollaría entre 1650 y 1700 (Fäy-Hallé *et alii*, 2003: 240-241), hemos hallado un plato con un motivo figurativo en el centro, un busto masculino, con su silueta dibujada en manganeso y rellena en tonos de azul cobalto.

El grupo más numeroso de platos de este lote procede de Inglaterra y se enmarca dentro de la cerámica conocida como *English Delftware*, “hecho a la manera de Delft”. Este término se emplea para referirse a la cerámica elaborada en Inglaterra desde mediados del siglo XVI con influencias chinas y holandesas. Estos ejemplares aparecen decorados con una figura humana sentada alrededor de un paisaje orientalizante; este motivo se repite tanto en el fondo del plato como en el ala. Se utilizan los tonos azules sobre blanco, aunque uno de los ejemplares aparece silueteado en manganeso (Fig. 5). Este motivo decorativo será muy utilizado en la *English Delftware*, en los centros principales de Londres, Bristol y Brislington (Archer, 1997).

CONCLUSIÓN: PUNTO DE ENCUENTRO ENTRE EL MEDITERRÁNEO Y EL NORTE DE EUROPA

Piezas como las estudiadas, se han encontrado en diferentes excavaciones en Asturias, como en la excavación del edificio nº 3 de la calle S. Vicente de Oviedo, donde se han

encontrado fragmentos de porcelana y lozas de los siglos XV en adelante (Cantero Desmartines, 1999: 267). También en las excavaciones llevadas a cabo en la Calle Cimadevilla (Oviedo), muy próxima a nuestros materiales (Menéndez Granda *et alii*, 2009; Sánchez Hidalgo *et alii*, 2009). Fuera de Oviedo, en la ciudad de Avilés es común encontrar este tipo de piezas, al igual que en Gijón, tal y como muestran los materiales de la “casa del Forno” de dicha ciudad (Fernández Ochoa *et alii*, 1989). De igual manera en otros ambientes no urbanos encontramos lozas de importación, como es el caso del monasterio de Corias (García Álvarez, 2011: 462-485). Aun así las referencias a estas piezas y la importancia que se le ha dado ha sido en muchas ocasiones escasa.

Los cambios que experimenta la cerámica en este tránsito entre dos épocas; tienen como trasfondo cambios en la sociedad. A caballo entre la Edad Media y la modernidad, el Oviedo de los siglos XVI-XVII se nos ofrece dentro del conjunto de la red urbana de la Corona de Castilla uniendo la importante villa de Avilés con la ciudad de León y otros centros transpirenaicos. Será esta situación de encrucijada de caminos lo que le otorgará su carácter dinámico y plenamente urbano.

Estas lozas se nos presentan como una fuente más para conocer los intercambios comerciales con toda una serie de naciones, sobre todo a través del puerto de Avilés. Estamos seguros de que no se trata de una llegada ocasional de piezas aisladas, sino de un auténtico flujo comercial, que se encuentra plenamente formado y asentado, tanto por vía terrestre como marítima. El comercio exterior irá

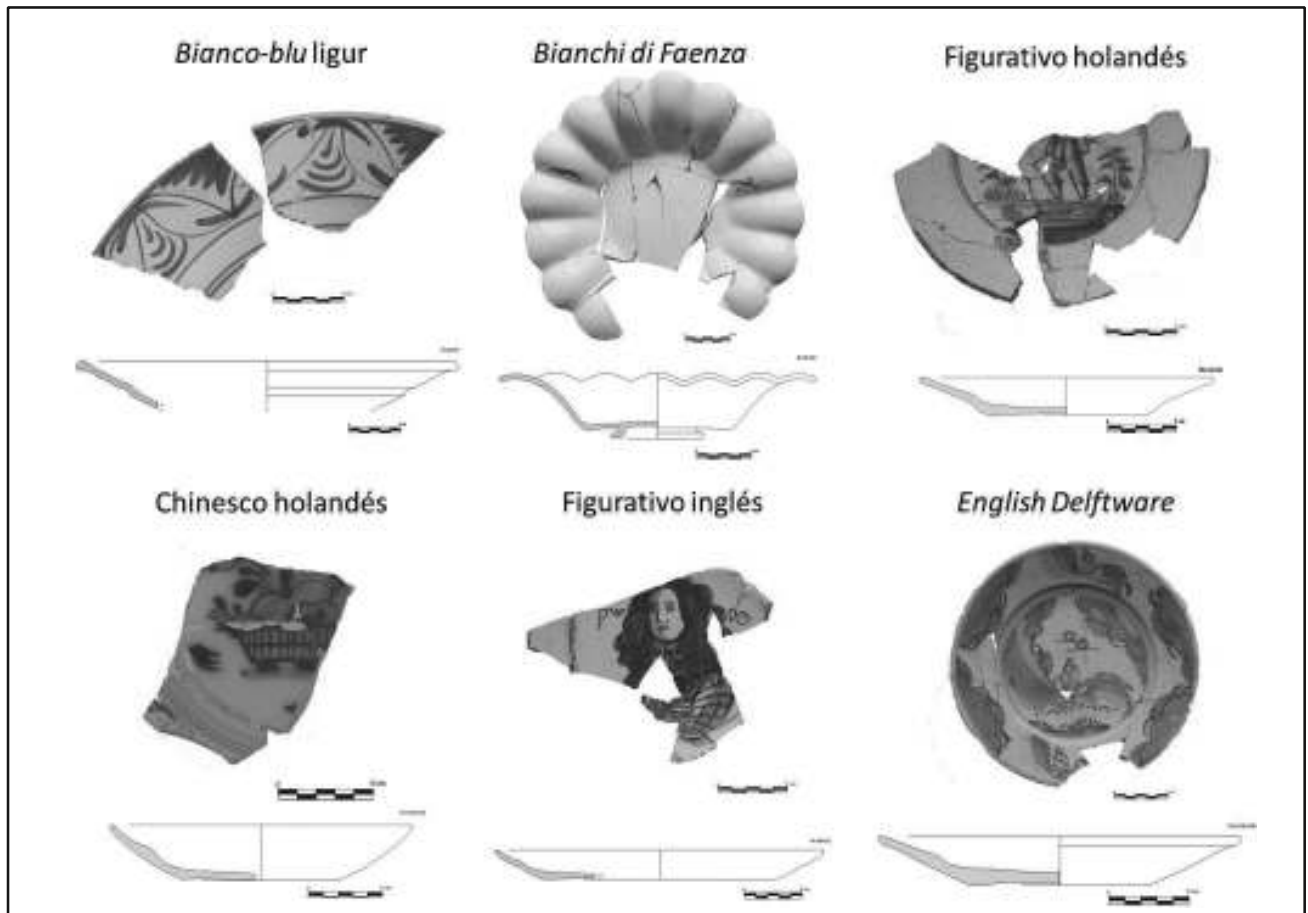


Fig.5 Series y tipos procedentes del Mediterráneo y del Norte de Europa.

aumentando día a día, potenciado por las nuevas necesidades de la sociedad asturiana.

Este lote refleja la existencia de una aristocracia con una vida rica y elevada, sensible a los gustos y la moda de su tiempo, con una mentalidad europeísta y con los suficientes recursos para demandar productos de lujo. Junto con la cerámica llegarán otras influencias culturales y sociales determinantes para entender el final del medievo y los inicios de la modernidad asturiana. Este estudio convierte a Oviedo en un centro receptor y distribuidor, inmerso plenamente en una serie de rutas comerciales y conector a pequeña escala del Mediterráneo y el Atlántico.

FUENTES DOCUMENTALES

AHPA: ARCHIVO HISTÓRICO PROVINCIAL DE ASTURIAS.

BIBLIOGRAFÍA

- ÁLVAREZ FERNÁNDEZ, María (2009) - *Oviedo a fines de la Edad Media. Morfología urbana y política concejil*. Oviedo: KRK Ediciones.
- ÁLVARO ZAMORA, María Isabel (1987) - *La cerámica de Teruel*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses.
- ÁLVARO ZAMORA, María Isabel (2002) - *Cerámica Aragonesa* (Vol. 3). Zaragoza: Ibercaja Obra Social y Cultural.
- ARCHER, Michael (1997) - *Delftware: the tin-glazed earthenware of the British Isles. A catalogue of the collection in the Victoria and Albert Museum*. Londres: HMSO.
- BATLLORI MUNNÉ, Andrés; Llubiá Munné, Luis María (1949) - *Cerámica catalana decorada*. Barcelona: Librería Tuebols.
- BUSTO ZAPICO, Miguel (2013) - *Conjuntos cerámicos del Oviedo bajomedieval y moderno. Los materiales de la casa Carbajal Solís*. Oviedo: Universidad de Oviedo. Tesina de licenciatura inédita.
- CANTERO DESMARTINES, María del Carmen (1999) - Estudio arqueológico en el edificio de la calle S. Vicente n.º 3 (Oviedo). En VV.AA., *Excavaciones arqueológicas en Asturias 1995-98*. Oviedo: Gobierno del Principado de Asturias. Pp. 261-270.
- CARTA, Raffaella (2003) - *Cerámica italiana en la Alhambra*. Granada: Grupo de Investigación Toponimia, Historia y Arqueología del Reino de Granada.
- CARTA, Raffaella (2008) - *Difusión e influencia de la producción de la cerámica Italiana entre la Baja Edad Media y la primera Edad Moderna. El caso de Granada*. Granada: Universidad de Granada. Tesis doctoral inédita.
- CASIMIRO, Tânia Manuel (2006) - Portuguese faience in London. *London Archaeologist*. London: London Archaeologist Association. Vol. 11, nº 5, pp. 115-121.
- CASIMIRO, Tânia Manuel (2010) - *Faiança portuguesa nas Ilhas Britânicas (Dos finais do século XVI aos inícios do século XVIII)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tesis doctoral inédita.
- COLL CONESA, Jaume (2009) - *Cerámica Valenciana (Apuntes para una síntesis)*. Valencia: Asociación Valenciana de Cerámica AVEC-GREMIO.
- COLL CONESA, Jaume (2011) - *Manual de cerámica medieval y moderna*. Madrid: Sección de Arqueología del CDL de Madrid.
- FAY-HALLÉ, Antoniette; Lahaussais, Christine (2003) - *La Faïence Européenne au XVIIIème siècle. Le triomphe de Delft*. París: Réunion des Musées nationaux.
- FERNÁNDEZ OCHOA, Carmen; González Lafita, Pilar (1989) - *Las cerámicas modernas de la "casa del forno" (Excavaciones de urgencia en la Muralla Romana de Gijón)*. Gijón: Fundación Municipal de Cultura.
- GARCÍA ÁLVAREZ, Alejandro (2011) - *Arqueología de los monasterios en Asturias: San Juan Bautista de Corias*. Oviedo: Universidad de Oviedo. Tesis doctoral inédita.
- GARCÍA ÁLVAREZ-BUSTO, Alejandro; Fanjul Peraza, Alfonso (2009) - Excavación arqueológica en la calle San Bernardo nº5 (Avilés) y musealización de la muralla. En VV.AA., *Excavaciones arqueológicas en Asturias 2003-2006*. Oviedo: Gobierno del Principado de Asturias. Pp. 23-30.
- GARCÍA ÁLVAREZ-BUSTO, Alejandro; Muñiz López, Iván (2010) - *Arqueología medieval en Asturias*. Gijón: Trea.
- GARCÍA SERRANO, Rafael (2002) - *500 años de cerámica de Talavera*. Zaragoza: Diputación de Zaragoza.
- GONZÁLEZ ZAMORA, César (2003). *Talaveras*. Madrid: Grupo Antiquitas S.L.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, José Avelino; Bohigas Roldán, Ramón (1989) - *La Cerámica Medieval en el Norte y Noroeste de la Península Ibérica. Aproximación a su estudio*. León: Universidad de León.
- MARTÍNEZ CAVIRÓ, Balbina (1968) - *Catálogo de cerámica española*. Madrid: Instituto Valencia de Don Juan.
- MARTÍNEZ CAVIRÓ, Balbina (1983) - *La loza dorada*. Madrid: Editora Nacional.
- MARTÍNEZ CAVIRÓ, Balbina (1984) - *Cerámica de Talavera*. Madrid: CSIC.
- MENÉNDEZ GRANDA, Alfonso; Sánchez Hidalgo, Estefanía (2009) - Estratigrafías y materiales medievales hallados en la excavación arqueológica realizada en los solares número 1, 3, 5 y 7 de la calle Altamirano y número 21 de la calle Cimadevilla (Oviedo). En VV.AA., *Excavaciones arqueológicas en Asturias 2003-2006*. Oviedo: Gobierno del Principado de Asturias. Pp. 97-104.
- ORTON, Clive (1988) - *Matemáticas para arqueólogos*. Madrid: Alianza Editorial.
- ORTON, Clive et alii (1997) - *La cerámica en arqueología*. Barcelona: Crítica.
- SÁNCHEZ HIDALGO, Estefanía, & Menéndez Granda, Alfonso (2009) - Excavación arqueológica realizada en el solar nº5 de la calle Cimadevilla (Oviedo). Estratigrafía, estructuras y materiales de época bajomedieval. En VV.AA., *Excavaciones arqueológicas en Asturias 2003-2006*. Oviedo: Gobierno del Principado de Asturias. Pp. 89-95.
- SEBASTIAN, Luis (2010) - *A produção oleira de faiança em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tesis doctoral inédita.
- SESEÑA, Natacha (1975) - *La cerámica popular en Castilla la Nueva*. Madrid: Editora Nacional.
- SESEÑA, Natacha (1981) - Talavera y Puente del Arzobispo. En VV.AA., *Cerámica esmaltada española*. Barcelona: Labor. Pp. 75-92.